

**CHAPA BRANCA E O CARNAVAL
DESDOBRAMENTOS DAS CAMPANHAS PUBLICITÁRIAS
DURANTE OS ANOS DE CHUMBO**

Carlos Carvalho da Silva¹

Resumo: Analisar os desdobramentos culturais ligados ao nacionalismo e suas cooptações que influenciaram a estrutura de criação plástica do carnaval durante a década de 1970. Enredos do G.R.E.S. Beija-Flor que carrega pesado fardo deste momento com apelidos dos enredos conhecidos como “Chapa Branca” refletem, em seu tempo, uma marca jamais esquecida da união entre política, manifestações culturais e o poder midiático durante os anos de 1973 a 1975, da agremiação nilopolitana.

Palavras-chave: Campanhas Publicitárias. Cultura Popular. Carnaval. Festas Populares.

DESDOBRAMENTOS CULTURAIS

A imagem dos brasileiros nas ruas desperta um interesse em estudar as ferramentas de manipulação política como tutores racionais dentro de uma estrutura social complexa e o local por onde a imprensa articuladora age contra a democracia. As transformações no Estado e na Sociedade Civil diante dos gigantes da comunicação brasileira e seu império das “mesmices” de informações pasteurizadas, quando formatos culturais não se distanciavam das articulações culturais, almejavam o controle social e a domesticação da massa.

Sem pretensões nas análises políticas e apontamentos entre mocinhos e vilões, o artigo pretende apresentar que o excesso de nacionalismo patriótico exercido durante o regime militar e transmitido pela imprensa em suas campanhas publicitárias foi maléfico ao pensamento atual, pelo qual não é fidedigno à

¹ Universidade federal do Rio de Janeiro. cenografo@hotmail.com

democracia, pois, já que não diversificam sua forma de transmitir, não sabem também trabalhar com as diferenças, sendo primordial respeitá-las dentro de uma democracia.

Compreender a movimentação de uma imprensa com seus alicerces nas propagandas ufanistas que influenciaram a construção de um imaginário cultural, instituição responsável pelas campanhas publicitárias e os meios de se chegar às camadas mais populares. A dicotomia entre o poder midiático e as manifestações populares mostrará dentro do carnaval carioca qual deles foi fortemente influenciado em busca de uma ascensão popular, local por onde a ideologia de um país promissor foi tão almejado pelo governo militar e seus desdobramentos nos enredos ufanistas na agremiação nilopolitana.

1973 – Educação para o Desenvolvimento

Podemos observar dentro das relações criadas através dos meios de comunicação a imagem que exalta o patriotismo ufanista em diferentes vertentes da cultura brasileira, o retrato do nacionalismo traduzido em suas construções e respectivas realizações em diversos setores da sociedade que unifica e integra a sociedade e suas divisões unindo-se ao desenvolvimento econômico do país utilizado como prática política.

Neste momento onde a sociedade fragmentada por diversos centros regionais e políticos onde aos poucos a imagem dos programas e eventos desenvolvidos pelo governo em exercício e usaremos o termo “tentáculos”, representando os desdobramentos do poder autoritário, onde voltados para o sentido único e coeso para manutenção do controle ideológico da população. Devido poder servir como um congruente entre civis e militares com objetivo de convencer de sua ideologia frente ao desenvolvimento nacional.

O comportamento ambivalente das expressões culturais como articuladores de uma consciência política que trouxe benefícios alinhados ao regime militar que

aproveitaram do apelo popular como meio de divulgação e da manipulação das massas, grandes espetáculos tornaram-se meios de agregar a população, seja por meio de seus representantes ou apenas da linguagem que traduz toda sua ideologia.

Devemos questionar o posicionamento da agremiação com os enredos ufanistas. Percebemos que, ao longo dos anos, os enredos nacionalistas fizeram parte de diversas agremiações, mesmo tendo sofrido algum tipo de sugestão pública ou de negociações políticas, assim como o presidente da associação de carnaval Amauri Jório foi sugerido na realização de temas que estivesse de acordo com a nova posição do país.

Não apenas os veículos de comunicação usaram dos subterfúgios para controlar as camadas mais populares da sociedade, vão além dos anúncios de simples produtos, são também produtores de cultura (Ortiz, 1989, p.61), estamos em um processo de integração nacional utilizando da cultura e da educação como ferramentas propícias ao desenvolvimento nacional.

Reclamações de alguns dirigentes de agremiações do grupo 2 era justamente a falta de visibilidade nos meios de comunicação, de fato, pouco podemos ver das escolas a qual não pertenciam no grupo das grandes agremiações entre elas a escola de Nilópolis que endossavam as reivindicações de notícias a respeito das agremiações, são poucas encontradas. Alegam que a falta de notícias e destaque nos jornais gera a falta de recursos para produção dos espetáculos, dependem apenas de uma pequena parcela paga pelo estado, o amor de seus componentes e o desejo de se chegar a desfilar na Presidente Vargas, local destinado as agremiações de primeiro grupo.

“... não temos platéia. E o senhor já viu sambista sem platéia? Nossos desfiles nunca foram televisionados, ninguém se interessa. Nem os parentes de quem desfila se esforça para assisti-los.”

(Jornal do Brasil, 20 de fevereiro de 1973, p.14)

XII ENECULT

ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA

Agora teremos o entendimento do momento propício da visibilidade e reconhecimento diante a população e grandes escolas com a introdução de enredos enaltecendo as realizações do governo, com um enredo inovador e pretensões de chegar ao patamar das grandes agremiações.

Educação, um tema que também dá samba.
(Diário de Notícias, 05 de dezembro de 1972. Caderno 2)

A responsabilidade era de Manuel Antonio Barroso em desenvolver o enredo que foi aceito pela agremiação pelo então presidente Nelson Abraão David a qual o ambicioso projeto contaria com alegorias que representariam a educação brasileira a partir da doutrinação dos índios as perspectivas que desapontaram com a reforma do ensino.

Podemos perceber nitidamente os componentes das políticas adotadas na letra do samba-enredo, que foi dividido em quatro setores, o primeiro setor destaca a importância dos Jesuítas na doutrinação dos índios, o segundo setor com o papel de Don João VI com a criação de diversas escolas entre elas a Escola de Belas Artes e a Escola Naval, o terceiro setor com o desenvolvimento da cultura na fase Imperial e encerrando o desfile com o Brasil atual, ressaltará a Alfabetização, o Mobral, com programa de *teleducação*, da Cidade Universitária e principalmente a nova reforma de ensino, com direito a participantes fantasiados de estudantes de escola pública e normalistas.

Com o enredo “Educação pra o Desenvolvimento” o desejo da agremiação é alcançado, uma maior visibilidade nos meios de comunicação onde apontam a escola segundo especialistas do jornal Correio da Manhã era uma das cotadas em ganhar o carnaval e chegar enfim no grupo das grandes escolas. Segundo o presidente Nelson Abraão David a procura para desfilar cresceu consideravelmente ao ponto de

aumentar o número de componentes e alas e a introdução de alas como dos estudantes, dos professores, dos professores públicos.

Temos na década de 1970 um grande fluxo da classe média na participação dos desfiles das escolas de samba, além da aproximação da mídia que desempenhava um papel de importância no engrandecimento dos desfiles, segundo Leopoldi (2010) a mídia é o “capitão do barco” (p.43) os desfiles tornam-se o símbolo mais conhecido do carnaval.

Veremos abaixo, dentro da letra do samba de 1973, as menções realizadas pela agremiação do governo militar na área da educação, com a divulgação da reforma educacional do MOBRAL e a Cidade Universitária. A agremiação conquista, assim, o vice-campeonato, adquirindo o direito de desfilar, em 1974, entre as grandes escolas do Rio de Janeiro.

Educação para o desenvolvimento

Compositores: Walter de Oliveira e João Rosa

[...]

***Graças ao desenvolvimento
E a reforma do ensino
O futuro, o amanhã***

[...]

***Para dar aos brasileiros
Cultura e educação
Brasil terra extraordinária
Venham ver a nossa
Cidade Universitária***

[...]

***Graças ao MOBRAL (bis)
Todos aprendem a ler²***

² Grifo meu.

Assegurar a reprodução nos meios de comunicação em promover o esforço nacional de desenvolvimento, atingindo a grande massa de acordo com a visão dos militares. A massa não possuía vontade em participar, um povo carente e despreparado para votar, fragilizado e sem grandes laços que o unisse à sociedade.

1974 – Brasil Ano 2000

No ano de 1974, a Beija-Flor continuava a desenvolver os enredos com a temática nacionalista-ufanista para o enredo “Brasil ano 2000”, dividido em quatro partes: os brasileiros, a ciência e a técnica, terra da promessa, e o passado. O tema voltou-se para os projetos desenvolvidos no país em transportes, educação, energia, comunicação, projetando o Brasil para uma grande potência graças à perspectiva otimista de um país promissor.

Segundo o Diário de Notícias, em sua publicação datada de 21 de fevereiro de 1974:

Beija-Flor, a primeira a desfilar na Antonio Carlos e estreante no confronto direto com as grandes. Mas seus componentes não estão nem um pouco amedrontados com esta perspectiva. Confiam no seu enredo influenciado pelas teorias de Herman Kahn³.

Vale destacar a figura de Herman Kahn, apresentada na reportagem do referido jornal. Trata-se de um estrategista militar e futurologista, cujas teorias de um país promissor o colocaram em uma posição privilegiada para enxergar em sua bola

³ Herman Kahn acredita que o Brasil será uma das grandes potências no ano 2000, suas previsões eram baseadas em sua futurologia e seus estudos foram encontrados em “A prosperidade está próxima” (1984)

de cristal, onde existia a diversidade e riqueza das tecnologias produzidas para o desenvolvimento do país, associadas aos valores americanos tradicionalistas.

Herman Kahn vê o Brasil como possível sétima potência no **ano 2000**: potência que se equilibra; nação de um PNB de um trilhão de dólares; potência nuclear; força com a qual se poderá contar decididamente.

(Kahn, 1982, p.11)

Na letra do samba-enredo de 1974, que aparece a seguir, podemos notar de imediato tais observações.

Brasil Ano 2000

Compositores: Walter Oliveira e João Rosa

*É estrada cortando
A mata em pleno sertão
É petróleo jorrando
Com afluência do chão*

[...]

No Brasil no ano dois mil

[...]

*A ordem do progresso
Empurra o Brasil pra frente*

[...]

*Somos um país promissor
O homem e a máquina alcançarão*

[...]

folclore altaneiro⁴

*Na comunicação⁵ alcançaremos
O marco da potência mundial*

Ainda no jornal, a referência das fantasias para o refrão seria de duas alas com adereços de mão, representando coqueiros, palmeiras, entre outras árvores tropicais: *“colocar-se-ão ao lado das moças, a esta altura em fila indiana e capas esticadas. Tudo isto será a figuração da Transamazônica aberta em plena mata.”*

Desvendar a lógica da transformação da natureza por meio da manipulação das palavras e imagens, a capacidade de analisarmos a desordem daquilo que entendemos como cultura e a desagregação do sentido da forma, esta retórica social mostra que dentro da ideologia não se constitui provas daquilo que se é proposto.

Ela (a Beija-Flor) subiu em 1973, é a única escola fluminense a apresentar-se no Grupo I. Com um samba pobre e alegorias de mau gosto que lembravam o PIS, o PASEP, a Petrobras ou o FUNRURAL (rimado, na letra do samba, com segurança total), não agradou a ninguém. Suas evoluções foram medíocres. Um melancólico final para o desfile carioca.

(Jornal do Brasil em 11-02-1975.)

1975 – O Grande Decênio

O processo de desaceleração da economia brasileira repercutiu fortemente no processo político, chegando à conclusão, segundo Sandra Reimão (2011, p. 29), que “a

⁴ Altaneiro *adj* elevado, altivo, alto.

⁵ Grifo meu

ditadura não era sinônimo de garantia de prosperidade”. Já Monique Augras (1998, p. 94) afirma: “o regime militar não deu samba”, mais uma vez o “*slogan* nacionalista foi apenas uma esperança, não uma descrição.” (Geertz, 2008, p. 138).

O bem cultural ao qual o presidente Geisel referiu-se em sua defesa diz respeito à cultura de massa das camadas médias urbanas, pois era a necessidade de atrair o povo para o lado do idealismo do Estado. O enfoque dos estudos encontrados dentro do carnaval com as Escolas de Samba “são norteados por questões de ordem estritamente cultural, reforçando suas fronteiras simbólicas” (Silva, 2007, p.104).

Com esta visão de manobra política onde a Beija-Flor está inserida em 1975, apresenta-se o enredo “O Grande Decênio”. Como o próprio enredo diz, seria a comemoração dos 10 anos da Revolução de 1964.

O Grande Decênio

Compositores: Walter Oliveira e João Rosa

[...]

E o Beija-Flor vem exaltar

Com galhardia o grande decênio

Do nosso Brasil que segue avante

Pelo Céu, mar e terra

[...]

Lembrando PIS e PASEP

E também o FUNRURAL

Que ampara o homem do campo

Com segurança total

[...]

Lembraremos também

O MOBRAL⁶

[...]

De acordo com o livreto lançado pela agremiação para divulgação do enredo para o carnaval de 1975, podemos perceber algumas informações que levam a crer a existência de uma intenção da continuidade dos enredos ufanistas para a divulgação da própria agremiação, a persistência dos enredos nacionalistas e o feitiço com as imagens que mostram seu simbolismo, caracteriza uma teatralidade da democracia dirigida.

Entretanto, viu-se a consolidação não apenas do carnaval, mas também da agremiação de Nilópolis como indústria cultural, sendo advento de novas formas de arrecadação de receitas e de financiamento da contravenção e seu afastamento do meio cultural em que estariam opositores das ideologias dentro do regime militar.

O livreto produzido pela agremiação assim chamado de “Grêmio Recreativo Escola de Samba Beija-Flor Acompanha com Ordem e Progresso o Desenvolvimento do Brasil – O Grande Decênio”, uma nova tentativa da utilização dos enredos com esta temática ufanista em alcançar voos maiores.

A escolha do tema-enredo é, quase sempre, nas escolas de samba, motivo para debates acirrados, em alguns casos, até para desentendimentos internos. Isto, entretanto, não ocorre no G.R.E.S. BEIJA-FLOR que, há dois anos consecutivos, entregando o assunto aos cuidados do jornalista e professor Manuel Antônio Barroso, apresentou enredos inéditos que, além de muito aplaudidos não apenas pelos “*experts*” em samba, mas também pelas autoridades e pelo povo em geral, possibilitaram à escola diferentes colocações nos carnavais de 1973 (vice-campeonato no Grupo II de 1974 (sétimo colocado no super desfile), vencendo, inclusive, co-irmãs mais experimentadas naquela competição. Para o carnaval de 1975, ainda sob orientação da mesma diretoria, o G.R.E.S. BEIJA-FLOR escolhe, pacificamente, como nos anos anteriores, outro enredo inédito. Ao contrário

⁶ Grifo meu.

XII ENECULT

ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA

do que aconteceu ano passado, quando apresentou um tema sobre o futuro (Brasil Ano Dois Mil), mostrará ao povo, no carnaval de 1975, um enredo falando do presente, isto é, com base no que ocorre atualmente no Brasil. O GRANDE DECÊNIO é seu título.

A decisão de apresentar mais uma vez um enredo com a temática nacionalista por estarem dentro do regime militar seria uma estratégia para não receberem qualquer tipo de represália do Estado, como nos dois anos anteriores foram suficientes para serem rotulados como a “escola oficial do regime” (Bezerra, 2010, p.51).

Parece que nem as demais escolas nem o público apreciaram muito esse samba, até hoje citado como ilustração exemplar da mais escancarada cooptação. Mas com isso a Beija-Flor, que ficou em sétimo lugar, “recebeu uma série de telegramas de felicitações de ministérios (a Marinha Mercante, o Mobral e o gabinete da Presidência da República).

(Augras, 1998, p.68)

O desfile foi setorizado da seguinte forma: 1 - Transportes (Marinha Mercante, Rodovias e Ferrovias); 2 - Indústria e Comércio; 3 - Economia e Finanças; 4 - Trabalho; 5 - Educação e Cultura; 6 - Ciência e tecnologia. Percebemos a continuidade da divulgação das realizações do governo militar.

Ainda referente ao enredo apresentado pela agremiação em 1975, o autor Pêrsio Brasil relata em seu livro:

Ahhhh esses enredos ufanistas da Beija-Flor. Desta vez exageraram ao homenagear o “Grande Decênio”, ou seja, os dez anos de governo militar no Brasil. Lembrou o PIS, o PASEP e também o MOBREAL, além do FUNRURAL que ampara o homem do campo com segurança total... difícil aturar, né?

(Brasil, 2010, p.79)

Sob olhar do carnaval enquanto um rito na perspectiva antropológica onde devemos apontar para algumas observações na ordem da sociedade e sua realidade social, o carnaval faz um papel apaziguador das diferenças cotidianas da vida, age como um dispositivo com finalidade simbólica que constrói identidades de carnavalização dando espaço para novas realizações de representações. As diferenças sociais podem estar em conjunção durante a realização da festa, observado por Da Matta (1973) como ritos de passagem, escapamos momentaneamente de uma estrutura social, da vida anticotidiana, romper com as diferenças intrínsecas da sociedade.

Em análise comparativa dois ritos de passagem com os enredos desenvolvidos pelas escolas que contam a história através das narrativas, o rompimento do comportamento cotidiano, para compreender o processo de ritualização do carnaval usaremos os enredos de 1973 a 1975, a introdução dos profissionais oriundos da Academia de Belas Artes, entre outros que participaram dos respectivos desfiles.

Tal enrijecimento dos elementos construtivos refletiu no participante de forma coletiva, onde pertinentes a organização e com dedicação e passam a um rigor disciplinar imposto pelos organizadores de suas respectivas agremiações. A perfeição dos desfiles passa agora a uma preocupação televisiva, seria um fator decisivo na transformação dos desfiles o que afetaria o lado criativo e espontâneo da festa.

O estigma de “Chapa Branca” dado a agremiação realmente vinculada aos meios de comunicação levaram a escola este fardo e difícil de ser retirado, porém no que se apresenta na prática cotidiana dos meios de comunicação em espalhar e reforçar modelos de um diálogo público e fazer deste ser social forjado e engessado

por estes próprios meios de comunicação que eterniza a dicotomia entre sociedade e mídia-Estado.⁷

Bibliografia

- Albuquerque, Enderson Alceu Alves. *O samba e a cidade: uma análise sociopolítica no município de Nilópolis*. CaderNau – Cadernos do Núcleo de Análises Urbanas, v.7, n.1, 2014, p. 130-148.

- Augras, Monique. *O Brasil do samba enredo*. 1ªed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.

_____ *A ordem na desordem – a regulamentação dos desfiles das escolas de samba e a exigência de motivos nacionais*. Revista brasileira de ciências sociais, v.8 n.21. São Paulo, 1993.

- Barthes, Roland. *Elementos de semiologia*; tradução: Izidoro Blikstein. 19ªed. São Paulo: Cultrix, 2012.

_____ *A aventura semiológica*; tradução: Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

- Bezerra, Luiz Anselmo. *A família Beija-Flor*. Dissertação UFF – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, 2010.

- Brasil, Pérsio Gomyde. *Da Candelária à Apoteose. 4 décadas de paixão 1970-2010*. 1ª Ed.. Rio de Janeiro. Editora: Multifico, 2010.

- Burkert, Peter. *Hibridismo cultural*, tradução: Leila Souza Mendes. 4ª reimpressão. Rio Grande do Sul, 2013.

- Cabral, Sérgio. *As escolas de samba do Rio de Janeiro*. 1ªed. São Paulo. Editora: Lazuli, Companhia Editora Nacional, 2011.

- Calabre, Lia. *Políticas culturais no Brasil: dos anos 1930 ao século XXI*. 1ªed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009. (páginas 75 a 92).

⁷ O Jagunço Eletrônico: patrimonialismo, mídia e Democracia no Brasil. Pait, Heloísa. Sales, Ruan. In Comunicação, cultura e linguagem(ano).p.199-203.

XII ENECULT

ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA

- Cancline, Néstor. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução: Ana Regina Lessa. 4ªed. São Paulo. EDUSP, 2013.

- Cavalcanti, Maria Laura Viveiros e Renata Gonçalves, org. *Carnaval em múltiplos planos*. Rio de Janeiro. Editora Aeroplano, 2009.

- Escola Superior de Guerra – Manual Básico MB-75. Departamento de Estudos, 1975.

- Ferreira, Felipe. *Inventando carnavais: o surgimento do Carnaval carioca no século XXI e outras questões carnavalescas*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

_____. *O livro de ouro do carnaval brasileiro*. Rio de Janeiro. Editora: Ediouro, 2004.

- Fico, Carlos. *O golpe de 1964: momentos decisivos*. 1ªed. Rio de Janeiro: Editora: FGV, 2014

_____. *Reinventando o otimismo: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil*. Rio de Janeiro. Editora: FGV, 1997.

- Flusser, Vilém. *O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação*, organizado por Rafael Cardoso. Tradução: Raquel Abi-Sâmara. 5ªed. São Paulo. Editora: Casac Naify, 2013.

- Foucault, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24ªed. São Paulo. Edições Loyola, 2014.

- Geertz, Clifford. *A interpretação das culturas*. 1ªed. 13ªreimpr. Rio de Janeiro. Editora: LTC, 2008.

- Guimarães, Helenise. *Carnavalesco, o profissional que “faz escola” no carnaval carioca*. Dissertação de mestrado Escola de Belas Artes / UFRS, 1992.

_____. *A batalha das ornamentações: a Escola de Belas Artes e o Carnaval*. 1ªed. Rio de Janeiro. Editora: Rio Books, 2015.

- Hobsbawm, Eric J.; Ranger, Terence (org). *A invenção das tradições*. Tradução: Celina Cardim Cavalcante, 9ª edição. São Paulo. Editora: Paz e Terra, 2014.

XII ENECULT

ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA

- Jupiara, Aloy. *Os porões da contravenção: o jogo do bicho e a ditadura militar: a história da aliança que profissionalizou o crime organizado*. 1ªed. Rio de Janeiro. Editora: Record, 2015.
- Kahn, Herman. *A prosperidade está próxima*. Tradução: José Eduardo Ribeiro Moretzsohn. Rio de Janeiro. Editora: Nova Fronteira, 1982.
- Laraia, Roque. *Cultura: um conceito antropológico*. 27ªed. Rio de Janeiro. Editora: Zahar, 2015.
- Matta, Roberto da. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6ªed. Rio de Janeiro. Editora: Rocco, 1997.
- Naves, Laura Maria. *O papel da AERP na construção da identidade nacional: análise das propagandas políticas durante o governo Médici*. VII Conferência Brasileira de Mídia Cidadã. Brasília, 2012.
- Ortiz, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. 14ª reimpressão. São Paulo. Editora: Brasiliense, 2012.
- _____. *A moderna tradição brasileira. Cultura brasileira e indústria cultural*. 1ª reimpressão. São Paulo. Editora Brasiliense, 1995.
- Reimão, Sandra. *Repressão e resistência: censura a livros na ditadura militar*. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 2011.
- Silva, César Maurício Batista da. *Relações Institucionais das Escolas de Samba, discurso Nacionalista e o samba enredo no regime militar – 1969-1985*. Dissertação de mestrado UFRJ/IFCS, 2007.
- Velho, Gilberto. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. 7ªed. Rio de Janeiro. Editora: Zahar, 2004.
- Villa, Marco Antonio. *Ditadura à brasileira: A democracia golpeada à esquerda e à direita*. 1ª reimpressão. São Paulo. Editora: Leya, 2014.